



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MATO GROSSO DO SUL
UNIVERSIDADE UNIVERSITÁRIA DE JARDIM
CURSO DE LETRAS PORTUGUÊS/INGLÊS

THAINÁ DA SILVA FERREIRA

**O ENFRENTAMENTO DO *BULLYING* A PARTIR DE PROPOSTA DE
ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO PEDAGÓGICO NO ESTÁGIO
SUPERVISIONADO DE LÍNGUA PORTUGUESA**

JARDIM – MS
2021

THAINÁ DA SILVA FERREIRA

O ENFRENTAMENTO DO *BULLYING* A PARTIR DE PROPOSTA DE ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO PEDAGÓGICO NO ESTÁGIO SUPERVISIONADO DE LÍNGUA PORTUGUESA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Letras com habilitação em Português/Inglês, da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul – UEMS, como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciada em Letras.

Orientador: Prof. Dr. Fernando Guimarães Oliveira da Silva.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MATO GROSSO DO SUL
CURSO DE LETRAS HABILITAÇÃO PORTUGUÊS/INGLÊS
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

THAINÁ DA SILVA FERREIRA

**O ENFRENTAMENTO DO *BULLYING* A PARTIR DE PROPOSTA DE
ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO PEDAGÓGICO NO ESTÁGIO
SUPERVISIONADO DE LÍNGUA PORTUGUESA**

APROVADA EM: 30 de Janeiro de 2021

Prof. Dr. Fernando Guimarães Oliveira da Silva
Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS, Jardim)
Presidente da Banca

Profa. Dra. Regiane Correa de Oliveira Ramos
Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS, Jardim)
Examinadora

Prof. Dr. Reginaldo Peixoto
Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS, Paranaíba)
Examinador

FERREIRA, Thainá da Silva.

O enfrentamento do bullying a partir de proposta de organização do trabalho pedagógico no estágio supervisionado de Língua Portuguesa. Thainá da Silva Ferreira, Jardim: UEMS, 2021.

Bibliografia

Monografia de Graduação – Curso de Letras Habilitação Português-Inglês – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul.

É concedida à Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul a permissão para publicação e reprodução de cópia(s) deste Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), apenas para propósitos acadêmicos e científicos, resguardando-se a autoria do trabalho.

Jardim, 05 de Fevereiro de 2021.

Thainá da Silva Ferreira

Thainá da Silva Ferreira

*Aos/às mestres/as que me incentivaram e conduziram
com talento meu caminho até aqui.*

AGRADECIMENTOS

As minhas amigas do curso de Letras por todos os momentos compartilhados ao longo desses anos, pela troca de informações, apoio e motivação nos momentos de angústia, especialmente: a Carolliny Soares Fernandes, Márcia de Passos Mendonça, Josiane Rodrigues Campos de Marchi e Daniele Cristina Avelino Feitosa. Esta última, agradeço pela trajetória compartilhada e por ter me amparado nos dias mais difíceis.

Agradeço ao meu orientador Prof. Dr. Fernando Guimarães Oliveira da Silva pela paciência, confiança, dedicação e entusiasmo com que tem me orientado durante todos esses dias. Não há palavras que possam definir o tamanho da minha gratidão.

Aos meus familiares pelo apoio, amor e compreensão nos dias em que precisei estar ausente, especialmente a minha irmã e sobrinha Thais da Silva Quintana e Elisa da Silva Gomes de Almeida.

Ao meu companheiro Hernany Oberherr Mendonça por estar ao meu lado, pelo amor, apoio e contribuições que facilitaram o processo de conclusão do curso.

Aos meus amigos de serviço da Polícia Civil que sempre me trouxeram palavras de motivação, apoio aos estudos e por ter me ensinado a evoluir como ser humano através da convivência, em especial a minha supervisora e amiga Renata da Silva Paniagua, que apesar do trabalho sempre me disponibilizou tempo para se dedicar aos estudos.

Por fim, agradeço ao meu pai Agail José Ferreira por ser a principal fonte de força, amor e sustento nesses dias e na vida e minha mãe Elizabete da Silva por se fazer presente espiritualmente e sustentar todos os meus passos me fortalecendo dia após dia.

“Seja a mudança que você quer no mundo.”
(Mahatma Gandhi)

RESUMO

A elaboração desse trabalho de conclusão de curso se baseou em experiências como estudante no período de escolarização básica que ocorrerem durante o estágio supervisionado de ensino de Língua Portuguesa, indicando a necessidade de abordar o tema de forma mais científica. Ao acompanhar o trabalho dos/as professores/as em sala de aula e observar o modo como diversos temas da realidade social foram discutidos, nos chamou a atenção a abordagem sobre o *bullying*, desde a etapa do planejamento da aula e da produção dos materiais pedagógicos até a execução das atividades em sala. Verificamos que apesar de ser uma situação bastante comum e que gera grandes problemas tanto para a vítima quanto para a sociedade, o assunto é tratado superficialmente e/ou institucionalidade como uma semana de enfrentamento, deixando descontinua intervenção pedagógica contra o *bullying*. Para garantir a viabilidade de meus relatos de experiência do estágio supervisionado de Língua Portuguesa, utilizei dos aspectos metodológicos da perspectiva decolonial, porque ela me permitiu construir um lugar de fala como discente-pesquisadora e futura professora. Para entender também que a abordagem do *bullying* é uma proposta de desconstrução e descolamento com práticas de ensino produtoras das diferenças, assimetrias e relações de poder no ambiente escolar. Realizamos por meio da pesquisa bibliográfica e o uso do estado da arte uma investigação em plataformas na área de Letras sobre o *bullying* em Mato Grosso do Sul (MS) junto a seis programas de pós-graduação de três universidades públicas da região: a Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS); da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD) e a Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS). Desse modo, constatamos que a escola deve ensinar não apenas o que está proposto no currículo, mas também regras de convívio social com base no respeito e na empatia. Portanto, é relevante propor melhorias e lançar um novo olhar a respeito de práticas de ensino que atue na dinâmica do trabalho docente e na perspectiva da organização do trabalho pedagógico de forma mais ampla nas escolas.

Palavras-chave: *Bullying*. Ensino de Língua Portuguesa. Organização do trabalho pedagógico.

ABSTRACT

The elaboration of this course conclusion work was based on experiences as a student in the period of basic schooling that occur during the supervised internship in teaching Portuguese, indicating the need to approach the topic in a more scientific way. When following the work of the teachers in the classroom and observing the way in which various themes of social reality were discussed, we were struck by the approach on bullying, from the stage of class planning and the production of teaching materials until the execution of activities in the classroom. We found that despite being a very common situation and that generates major problems for both the victim and society, the subject is treated superficially and / or institutionally as a week of confrontation, leaving discontinuous pedagogical intervention against bullying. To guarantee the viability of my experience reports of the supervisionado internship in Portuguese, I used the methodological aspects of the decolonial perspective, because it allowed me to build a place of speech as a student-researcher and future teacher. To also understand that the approach to bullying is a proposal for deconstruction and detachment with teaching practices that produce differences, asymmetries and power relations in the school environment. Through bibliographic research and the use of state-of-the-art, we have carried out an investigation on platforms in the area of Letters on bullying in Mato Grosso do Sul (MS) together with six graduate programs from three public universities in the region: the State University Mato Grosso do Sul (UEMS); the Federal University of Grande Dourados (UFGD) and the Federal University of Mato Grosso do Sul (UFMS). Thus, we found that the school must teach not only what is proposed in the curriculum, but also rules of social coexistence based on respect and empathy. Therefore, it is relevant to propose improvements and take a new look at teaching practices that act on the dynamics of teaching work and on the perspective of organizing pedagogical work more widely in schools.

Keywords: Bullying. Portuguese Language Teaching. Organization of pedagogical work.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	12
SEÇÃO 1 - CONSIDERAÇÕES INICIAIS DA PESQUISA.....	14
1.1 Motivação da pesquisa.....	14
1.2 Aspectos metodológicos.....	16
1.3 O Estado da Arte.....	19
SEÇÃO 2 – PERSPECTIVAS SOBRE O <i>BULLYING</i>.....	21
2.1 Conceitos sobre o <i>bullying</i>	21
2.2 Tipos de <i>bullying</i>	23
2.3 Enfrentamento do problema.....	24
SEÇÃO 3 – RELATOS DO ESTÁGIO SUPERVISIONADO.....	27
3.1 O <i>bullying</i> no estado de MS.....	27
3.2 Descrição da intervenção via Estágio Supervisionado	30
3.3 Relato da aplicação.....	33
CONSIDERAÇÕES FINAIS	39
REFERÊNCIAS.....	40
APÊNDICES.....	41

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Programas de pós-graduação em Letras Sul-mato-grossense.....	22
Quadro 2 – Pesquisa sobre o bullying nos programas de pós-graduação em Letras Sul-mato-grossense.....	22
Quadro 3 – Publicações de outros formatos sobre bullying.....	23
Quadro 4 – Plano de ensino do estágio supervisionado no 9º ano do Ensino Fundamental	34

INTRODUÇÃO

O *bullying* é um tema preocupante para a nossa sociedade e reflete nas relações entre os estudantes no ambiente escolar, reconhecer que se trata de um problema é uma forma de avançar na condução de práticas educativas focadas no seu enfrentamento. O presente estudo se torna relevante por compreender a necessidade de uso de estratégias de organização do trabalho pedagógica, especialmente nas dimensões de planejamento, execução e avaliação, utilizando de métodos de ensino variados e inovadores que abordam.

Desse modo, o objetivo é apresentar a temática do *bullying*, visando a necessidade de ampliar o conhecimento dos/das professores/as da área de Línguas e, ao mesmo tempo, trazendo uma reflexão para a prática pedagógica, desde as produções de materiais pedagógicos utilizados em sala de aula para produzir resultados na mobilização da consciência dos estudantes, em especial a conscientização, prevenção e combate ao *bullying*, considerando que esse é um processo delicado no qual envolve a sociedade o meio escolar e a família.

Sabe-se que o *bullying* é um tema que se manifestou recentemente como uma das temáticas a serem abordadas em sala de aula. Porém não se trata de um evento novo como se acredita, ele existe nas relações sociais há muito tempo, pode-se dizer que apenas não tinha um nome. Levando em consideração que sua maior incidência está presente no âmbito educacional formal, observa-se a necessidade de criar formas de intervenção no ambiente escolar e as ações pedagógicas precisam se preocupar com este assunto

Para a justificativa dessa pesquisa, adota-se como premissa que esse é um tema que merece total atenção, sendo direito do/da aluno/a uma educação de qualidade em um ambiente onde ele se sinta estimulado e afetivamente acolhido. Em casos de *bullying*, os/as professores/as e demais profissionais da escola precisam realizar um acolhimento adequado; afinal representa um passo inicial para o bem estar do/da aluno/da no meio em que está inserido e afeta diretamente os processos de ensino e aprendizagem além da sua saúde emocional.

Busca-se, então, expor as diferentes perspectivas presentes nos dias atuais sobre a necessidade de abordagem do *bullying* no âmbito da prática pedagógica, facilitando assim a aprendizagem e interação dos/as alunos/as no âmbito escolar e posteriormente social.

Nessa perspectiva, a raciocínio deste trabalho foi organizada a partir da seguinte estrutura: a) apresentar na primeira seção os aspectos que motivaram a realização da pesquisa; os aspectos metodológicos e um breve estado da arte para compreender como a temática do *bullying* é estudada no âmbito dos programas de pós-graduação sul-mato-grossense na área de Letras; b) demonstrar as perspectivas legais, teóricas e analíticas sobre o *bullying* e, por fim, c)

fazer uma relato de organização do trabalho pedagógico com base na experiência de estágio supervisionado durante a graduação.

Por fim, pode-se afirmar que, o reconhecimento do *bullying* como um problema no ambiente escolar permite que o docente utilize de seus conteúdos como uma forma de sensibilizar os/as alunos/as, tendo a noção de que o *bullying* traz problemas de ordem psicológica quando interpreta a diferença como um alvo de desqualificação de alguém, além de ser visto como uma violência que afeta o processo educacional, gerando desistência e evasão escolar.

SEÇÃO 1 – CONSIDERAÇÕES INICIAIS DA PESQUISA

O estudo se deu diante dos questionamentos sobre o assunto a partir de experiências e observações em sala de aula durante o estágio supervisionado de Língua Portuguesa, assim, se propõe a pesquisa para identificar as concepções que a violência do *bullying* causa, além de utilizar como base o uso da abordagem decolonial para lidar com processos pedagógicos que pensem sobre a desvinculação de padrões eurocêntricos.

Nesta seção, a proposta é apresentar a motivação para realização da pesquisa, os aspectos metodológicos e os quadros criados do estado da arte para problematizar a questão do bullying no interior das propostas de organização do trabalho pedagógico na área de Letras sul-mato-grossense.

1.1 Motivação da pesquisa

Duas situações significativas merecem ser destacadas para justificar o surgimento dessa proposta de pesquisa, até porque expressa a minha relação com o objeto de pesquisa. A primeira refere-se às experiências de convivência com o problema como aluna da educação básica. E a outra como estudante de curso de licenciatura em Letras, onde durante o período de estágio em Língua Portuguesa foi possível observar que a situação ainda existe.

No meu período escolar vivi e presenciei a violência do *bullying*, desde a sua manifestação verbal até a psicológica. No meu caso relativo à aparência física, porque sempre fui muito magra. Quando os/as outros/as alunos/as me tratavam com apelidos que remetiam à imagem de uma mulher, eu me sentia muito mau. Notei que os constrangimentos vividos naquela época refletiram na constituição do que eu sou hoje. Portanto, se trata de uma violência que gerou reflexos em relação a minha própria aceitação, porém, hoje, consigo lidar melhor com essas situações e percorro o meu caminho a passos firmes.

Contudo, essas ações de violência não eram discutidas e muito menos trabalhadas durante o ensino de aprendizagem ou abordada como assunto relevante no meu período de escolarização. Desta forma, muitos colegas e amigos sofreram silenciados, pela falta de conhecimento e trabalho das Unidades escolares, atualmente algumas escolas trabalham essa temática com diversas disciplinas. Com isso, vejo a necessidade de expandir essa discussão ampliando esse estudo ao longo do ano sem a distinção das disciplinas. Além disso, esse o interesse pelo objeto de pesquisa se intensificou durante meu período as aulas das disciplinas de formação pedagógicas (Didáticas, Psicologia da educação, Educação Especial e Políticas, gestão e organização da educação básica).

Nestas disciplinas foram abordadas que as relações de ensino e aprendizagem precisam de um ambiente adequado e acolhedor, apontando a relevância de um lugar baseado no respeito e na empatia, onde o/a professor tem que respeitar suas necessidades e principalmente as diferenças diversidades. Situação também relevante de ser tratada aqui diz respeito ao compromisso social do trabalho docente e da instituição escolar na elaboração de situações pedagógicas que consigam alcançar a aprendizagem de questões sociais externas ao ambiente escolar, mas que produz e traz para o trabalho docente e da unidade escolar certas preocupações.

Desse modo, fiquei extasiada porque nunca havia parado para pensar que a ação docente poderia se responsabilizar por abordar a temática e evitar que a situação do *bullying* adquirisse contornos cruéis nas relações sociais entre as crianças ou adolescentes. Comecei a me perguntar como eu, enquanto futura professora de Língua Portuguesa ou Língua Inglesa, posso auxiliar no enfrentamento do *bullying* no âmbito escolar por meio da minha disciplina?

Nesses momentos em que me questionei intensamente sobre o assunto, comecei a observar que todos nós, de alguma forma, tivemos experiências com o *bullying* na escola. Certa vez, em minha rede social, *Instagram*, fiz uma pergunta: Você já sofreu *bullying*? Recebi muitas experiências vividas de relatos bastante íntimos, desabafos abertos e sinceros de colegas e amigos que foram vítimas dessa violência e que, por longos períodos, atravessaram por inseguranças decorrentes dos reflexos do *bullying* nas suas relações sociais não somente ocorridas no ambiente escolar, mas na vida.

O que pude observar com essas experiências narradas em minha rede social é que o fato de ser diferente pode ser um parâmetro para que as outras pessoas possam querer impor um tratamento parcial. Frente aos relatos pessoais da minha relação com a temática de *bullying*, resolvi abordar a organização do trabalho pedagógico do/da professor/a que ensina línguas no enfrentamento e combate do *bullying* nas escolas.

Ainda hoje algumas pessoas questionam esse assunto superficialmente sem levar em consideração que essa é uma temática contínua independente de qualquer disciplina, e referem-se como algo simples de se resolver, mas, para outras como as vítimas, é um eterno carrossel de medo e angústia, com episódios traumáticos, associando-os a todas as circunstâncias que possuem semelhança com aqueles eventos específicos.

No que se refere à organização do trabalho pedagógico, tenho visto que a dinâmica como o/a professor/a interpreta o seu compromisso social enquanto profissional da educação reflete significativamente na eleição de métodos e técnicas para selecionar e organizar o trabalho pedagógico acerca de temáticas da via cotidiana. Cecília Goulart (2006, p. 88) faz uma acepção

do uso e afirma que às vezes, nós professores/as, preocupamos demais com o cumprimento de programas curriculares e nos esquecemos de conhecer os/as nossos/as alunos/as. Assim:

O modo como organizamos o trabalho pedagógico está ligado ao sentido que atribuímos à escola e à sua função social; aos modos como entendemos a criança; aos sentidos que damos à infância e à adolescência e aos processos de ensino-aprendizagem. Está ligado do mesmo modo a outras instâncias, relacionadas aos bairros em que as escolas estão localizadas; ao espaço físico da própria escola e às atividades que aí ocorrem; às características individuais do(a)s professor(a)s e às peculiaridades de suas formações profissionais e histórias de vida - muitos fatores então condicionam a organização do trabalho pedagógico. Em síntese, está ligado à nossa concepção de educação: educar para quê? Como?

É evidente na concepção de Goulart (2006) que existem uma multiplicidade de elementos no processo de organizar o trabalho pedagógico e dar sentido a ele. A fim de aprofundar nesse debate, Luiz Carlos de Freitas (1994), em sua tese de doutorado, **Crítica da organização do trabalho pedagógico e da didática**, apresentado junto à Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), realizou uma crítica ao termo organização do trabalho pedagógico ao enfatizar que no contexto capitalista, o trabalho pedagógico tem se colocado uma especialização do trabalho do/da professor/a como justificativa para transferir para ele/ela a responsabilidade por qualificar o seu trabalho.

De acordo com Freitas (1994), o uso do termo organização do trabalho pedagógico propõe examinar a continuidade do uso da didática nos cursos de formação de professores/as, destacando que a didática é uma das preocupações da teoria pedagógica. Freitas (1994, p. 90) diz que a organização do trabalho pedagógico acontece em dois níveis: “a) como trabalho pedagógico, que no presente momento histórico, costuma desenvolver-se predominantemente em sala de aula; e b) como organização global do trabalho pedagógico na escola, enquanto projeto político-pedagógico da escola”.

Nesse sentido, compreendemos que o trabalho pedagógico com a temática do *bullying* é algo que não envolve apenas a autonomia docente na eleição de conteúdos no programa curricular que possam ser transversalizados sob esse enfoque, mas envolve a ação da instituição escolar na criação de atividades mais amplas que envolvam todos/as da comunidade escolar no combate e enfrentamento do *bullying*.

1.2 Aspectos metodológicos

Por se utilizar um espaço significativo na formação de professores/as, o estágio supervisionado, apontamos que houve imersão da pesquisadora-discente no campo da pesquisa. Por conta dessa imersão, a pesquisadora-discente resolveu utilizar dos recursos da experiência vivida conforme propõe Patrícia Collins (2017). A autora faz referência a June Jordan, uma intelectual afro-americana, que como uma mulher negra se familiariza com os conceitos de racismo, sexismo e exploração de classe. Desta forma se recusa a deixar as injustiças sociais parecerem naturais; por esse motivo, Jordan luta pela igualdade, justiça social e democracia participativa. Esse lugar de fala é extremamente importante, assim me inspirei nesse conceito para através desse espaço, o da pesquisa de conclusão de curso, relatar as minhas experiências via estágio supervisionado, porque senti na pele as consequências da violência do Bullying não podendo assim tornar-se neutra.

Acreditando que o bullying pode trazer problemas psicológicos, sociais e emocionais graves às vítimas, enquanto futura professora, acredito que a organização do trabalho pedagógico institucional pode movimentar esse cenário em favor de uma convivência, onde o/a Professor de Língua Portuguesa pode utilizar dos conteúdos dessa disciplina para uma comunicação não violenta, para a paz e eticamente polida em relação às diferenças dos outros.

Desse modo, concordamos com Menga Ludke (2013) quando aponta que o estágio supervisionado é uma via de articulação entre teoria e prática uma vez que materializa duas dimensões fundamentais para a formação do/da futuro/a professor/a: o compromisso das universidades e o trabalho realizado pelas escolas.

Essa abordagem surge de análises realizadas durante o período de estágio supervisionado de Língua Portuguesa, no qual diversas vezes com a violência oriunda do *bullying*; desta forma, observei que as vítimas transparecia essa lacuna de pertencimento no grupo através do distanciamento e a falta de participação nas atividades pedagógicas. Assim, considerando a noção de pertencimento por intermédio das implicações da sociedade se fez necessário esse estudo.

Abordar o conceito de *bullying* é necessário para identificar de onde parte a escolha da abordagem e do método de coleta de dados utilizados para auxiliar na interpretação de análise dos dados do estágio supervisionado de Língua Portuguesa.

[...] considera-se intimidação sistemática (***bullying***) todo ato de violência física ou psicológica, intencional e repetitivo que ocorre sem motivação evidente, praticado por indivíduo ou grupo, contra uma ou mais pessoas, com o objetivo de intimidá-la ou agredi-la, causando dor e angústia à vítima, em

uma relação de desequilíbrio de poder entre as partes envolvidas (Lei n. 13.185/2015, art.2)

A legislação citada considera ser uma referência para diferentes sistemas de ensino na elaboração de programas, projetos e práticas de ensino focadas em ações de combate ao *bullying*. Desse modo, tem-se um ponto de partida para orientar o enfoque que pretendemos dar. Portanto, as relações de intimidação sistemática acontecem no encontro que as pessoas fazem com as diferenças do/a outro/a, da ausência de aceitação e tolerância das diferenças ou até mesmo na reprodução de formas existenciais padrões que afetam significativamente outras formas de existir. A ideia com o relato de experiência de estágio supervisionado é propor formas de enfrentamento que levem os/as alunos/as a pensarem sobre como a Língua produz inferioridade e superioridade existencial.

A abordagem que conduz entender o *bullying* como um problema na interação entre os/as alunos/as por conta da ausência de reconhecimento da diferença é a perspectiva decolonial. Essa perspectiva oportunizou que, enquanto discente-estagiária e, agora discente-pesquisadora, eu pudesse me sentir segura de realizar o meu relato de aplicação de regência a fim de aprofundar melhor nas contribuições da Língua Portuguesa nesse cenário. Luiz de Oliveira e Vera Candau (2010) acreditam que a partir das produções voltadas as questões extremamente necessárias relativas à diferença étnica, ao multiculturalismo e às identidades culturais, é um meio no qual conseguimos mudar a realidade em relação as pluralidades, visando que o termo colonialismo impõe um padrão.

Em virtude de ser uma negação sistemática da outra pessoa e uma determinação furiosa para negar ao outro todos os atributos de humanidade, o colonialismo obriga as pessoas que ele domina a perguntar-se: em realidade quem eu sou? (FANON, 2003 *apud* OLIVEIRA; CANDAU, 2010, p. 22)

Além disso, a desobediência da tradicionalidade dos padrões em sociedade é de extrema importância na perspectiva da educação, propondo novos meios de ensinar. Penso que estamos em desobediência e negamos servir voluntariamente um sistema social que impõe sensações existenciais subalternas e no campo da inferioridade. Ao projetarmo-nos em pesquisa, estamos sendo desobiente com a sua construção tradição de imparcialidade, porque acreditamos que se trata de um problema que precisa ser coletivamente enfrentado pela escola. Segundo Walter Mignolo (2008), a desobediência no que se refere a identidade em política, em suma, é a única maneira de pensar descolonialmente o que significa pensar politicamente em termos e projetos de descolonização. Pensar politicamente em ações de

transformação, criando novas formas de reaprender sobre as relações e os sentidos. A forma decolonial propõe que realizemos um exercício de nos desvincular dos padrões enraizados e impostos. Visando a compreensão de que cada pessoa possui uma identidade que deve ser respeitada, deixando isso visível por meio das práticas pedagógicas, o decolonialismo desvincula-se do conceito da existência de uma identidade superior baseada em privilégios.

Desta forma, compreende-se a importância de trabalhar essa perspectiva decolonial apresentada por Oliveira e Candau (2010). Com objetivo de refletir profundamente sobre os padrões enraizados sejam elas relacionadas à aparência, raça ou gênero, classe, etnia, territorialidade, pensando na diversidade presente em sociedade de modo geral e assim, fortificar o ato de resistência como uma forma de prevenção ao *bullying*.

Sob o enfoque da perspectiva decolonial, acredita-se nessa libertação dos padrões que nos colonizam, sabendo que ainda para alguns o novo assusta e o desconhecido gera insegurança, então esta pesquisa busca contribuir com a reflexão maior voltada para o respeito às pluralidades em sociedade. Na concepção de Ballestrin (2013, p. 105), os estudos decoloniais podem ser descritos: “[...] como “o movimento de resistência teórico e prático, político e epistemológico, à lógica da modernidade/colonialidade”.

Inscrita a abordagem teórico-metodológica, este trabalho de conclusão de curso pretende utilizar, de início, o enfoque da pesquisa bibliográfica, tendo o estado da arte para apresentar a produção acadêmica sul-mato-grossense sobre o *bullying* na área de Letras. Para Norma Ferreira (2002, p. 258), as pesquisas denominadas de estado da arte auxiliam na elaboração de mapas mentais que caracterizam uma área de pesquisa:

Definidas como de caráter bibliográfico, elas parecem trazer em comum o desafio de mapear e de discutir uma certa produção acadêmica em diferentes campos do conhecimento, tentando responder que aspectos e dimensões vêm sendo destacados e privilegiados em diferentes épocas e lugares, de que formas e em que condições têm sido produzidas certas dissertações de mestrado, teses de doutorado, publicações em periódicos e comunicações em anais de congressos e de seminário.

Para melhor organizar o estudo, foram construídas tabelas responsáveis por mapear os programas de pós-graduação em Letras distribuídos pelas universidades públicas do Estado de Mato Grosso do Sul (MS) e a busca realizada nos programas em torno do descritor *bullying*.

Num segundo momento, será realizada uma exposição da experiência de estágio supervisionado no ensino de Língua Portuguesa, onde será apresentada a estrutura da proposta de regência e os relatos de aplicação, analisando com isso as possibilidades que a organização do trabalho pedagógico com o enfoque do *bullying* podem ofertar para a ação docente.

Além da experiência de estágio, também será realizada uma enquete via mídia social, o *Instagram*, para colher informações a respeito de três questões relevantes para essa fundamentar os dados dessa pesquisa, a saber:

Você já sofreu Bullying em sala de aula? Sim ou não?

Você acha que os métodos de ensino utilizados pelas instituições escolares para a conscientização, prevenção e combate do Bullying são eficazes? Sim ou não?

Você se lembra em qual série escolar, a violência se tornou mais frequente?

1.3 Estado da Arte

Para entender como o tema do *bullying* é debatido no cenário da Linguística, Letras e Artes com o enfoque da educação no Estado de MS, realizamos um estado da arte em programas de pós-graduação de MS. As informações captadas das plataformas de cada programa foram utilizadas para ter acesso às seguintes informações: quantidades de programas, distribuição por municípios e universidade, ano de início e tempo de oferta do programa.

A busca por dissertações e teses a partir de várias fontes secundárias de dados com base nas instituições do Estado de MS. Seguindo esse critério, procedeu-se a verificação e busca no mês de novembro de 2020, e nela como descritor a palavra *bullying*. Para isso, foram utilizadas algumas plataformas como programa de pós-graduação em educação.

De acordo com a pesquisa sobre o desenvolvimento de dissertações e teses na área do bullying, onde as informações constam na base de acervos das seguintes universidades: Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS), Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS) e Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD).

Em relação aos programas de pós-graduação, o quadro 1 aponta:

QUADRO 1 - Programas de pós-graduação em Letras sul-matogrossense

Universidade	Cidade	Mest/dout	Ano de início	Tempo de oferta
UFMS	Três lagoas	Mestrado	01/01/1998	22 anos
		Doutorado	01/01/2014	6 anos
	Campo Grande	Mestrado	01/01/2006	14 anos
		Doutorado	22/07/2019	1 ano
UFGD	Dourados	Mestrado	01/01/2009	11 anos
UEMS	Campo Grande <i>Profletras</i>	Mestrado	15/03/2013	7 anos
		Profissional		
	Dourados <i>Profletras</i>	Mestrado	15/03/13	7 anos
	Campo Grande	Mestrado	01/01/2011	9 anos
		acadêmico		

Fonte: Elaboração da autora, 2020.

No Estado de MS, há a oferta de 6 programas na área de Letras, sendo que o tempo de oferta dos programas está na média de 6 a 22 anos distribuídos em três universidades públicas, sendo duas federais e uma estadual. Há um quantitativo de seis programas que ofertam o mestrado e dois que ofertam o doutorado.

No que se refere à produção acadêmica existente nos programas encontrados sobre o *bullying*, o quadro abaixo apresenta apenas uma publicação na plataforma da UFMS.

QUADRO 2 – Pesquisas sobre *bullying* nos programas de pós-graduação em Letras sul-matogrossense

Instituição	Ano de publicação	Título	Autoria
UFMS	2015	Representações identitárias na escrita de alunos em situação de bullying escolar	Sérgio de Souza Rogério de
UFGD	x	x	x
UEMS	x	x	x

Fonte: Elaboração da autora, 2020.

Não encontramos um volume significativo de dissertações e teses como produções acadêmicas sobre o *bullying* na área de Letras nos programas da UEMS e da UFGD, o que abre a necessidade de se aumentar a importância que a área tem dado às questões que envolvem o problema sob o enfoque do ensino de Línguas.

Para obter mais informações sobre os estudos com essa temática foi realizada uma busca bibliográfica por artigos científicos publicados em diferentes periódicos pela rede. A busca foi realizada no mês de novembro de 2020 e nela foi utilizada como descritor *Bullying nas escolas*.

QUADRO 3 – Publicações de outros formatos sobre *bullying*

Plataforma	Nº de artigos	Data (publicação)
Scielo	87	2011 a 2019
PEPSIC	4	2013 a 2018

Fonte: Elaboração da autora, 2020.

Além disso, foi efetuada uma busca referente as intervenções realizadas com essa temática, na base *Scielo*, onde encontramos 11 artigos de intervenções em português e 12 em outras línguas.

SEÇÃO 2 – PERSPECTIVAS SOBRE O BULLYING

Na perspectiva da abordagem da temática do *bullying*, elaboramos uma pesquisa bibliográfica sobre as concepções adjacentes à temática no campo da educação. Além disso, *tipificamos* as formas existentes no contexto social conforme a Lei n.13.185 (2015, art. 3º). Tais dados são importantes para constatarem as possibilidades de enfrentamento do ciclo dessa violência.

Nesta seção, a ideia é caracterizar os pontos legais, sociais e pedagógicos dos conceitos existentes sobre o enfrentamento do bullying, tentando fazer uma interlocução com a justificativa do porquê é necessário que os aspectos educacionais auxiliem no enfrentamento dessa violência.

2.1 Conceitos sobre o bullying

Segundo Deborah Malta (2010), o termo *bullying* tem origem inglesa sem tradução adequada na Língua portuguesa, sendo desta forma um substantivo derivado do verbo “*bully*” que traz como significado “valentão ou brigão”, sendo caracterizado por agressões intencionais repetitivas sejam elas físicas ou verbais.

É um fenômeno que está presente no contexto social, ocorrendo predominantemente com o público infante juvenil em espaços escolares.

No contexto escolar, considera-se que existe tanto a violência na escola como a da escola. A primeira se refere às violências produzidas fora da escola e que atravessam seus muros. A segunda se refere às práticas efetivadas pelos próprios atores escolares, engendrada nas especificidades das relações escolares como agressões morais, psicológicas e físicas; discriminações racial, de gênero, política e de opção sexual. [...] (MALTA *et al.*, 2010, p. 3067)

Portanto, é uma violência que não pode ser considerada do século, pois se encontra presente desde sempre, mas somente em tempos recentes tal prática começou a ser encarada a partir de seus danos psicológicos, superando a visão ingênua que a caracterizava como uma brincadeira.

Uma notícia publicada no *site* R7, em 2018, por Michele Roza (2018), aponta uma pesquisa desenvolvida pela Organização das Nações Unidas (ONU), o estudo mostra que a maioria dos casos de *bullying* relatados foi motivado pela aparência física, gênero, orientação sexual, etnia ou país de origem e ainda destaca que mais da metade das crianças e jovens do mundo já sofreram com a prática do *bullying*, violência essa que deixa marcas e hematomas

psicológicos para o resto da vida se não tratado adequadamente e com o acompanhamento de profissionais.

Segundo a pesquisa sobre a violência do *bullying* feita por Paulo Barros, João Carvalho e Beatriz Pereira. (2009, p. 5739) podemos definir a violência como “uma ação ou comportamento que vai causar dano a outra pessoa ou ser vivo. Nega ao outro a autonomia, a integridade física ou psicológica e até mesmo o direito à vida. Também pode ser entendida como o uso excessivo de força, além do necessário ou esperado.” Diante dessa definição, pode-se dizer que no ambiente escolar há comportamentos excessivos entre os/as alunos/as que causam danos à integridade emocional seja por piadas ou tratamentos pejorativos que desqualificam as diferenças que cada um/a carrega em si bem como a intimidação sistemática proveniente de uns/umas sobre outros/as.

2.2 Tipos de *bullying*

O *bullying* apresenta várias formas que são classificadas conforme sua prática, manifestam-se pela forma verbal, física, sexual, virtual e psicológica. A verbal pode se apresentar na forma direta e indireta, a forma direta trata-se do ato de ofender, colocar apelidos pejorativos, atos que atingem diretamente o indivíduo, enquanto a forma indireta (social) não atinge diretamente a vítima, e sim as pessoas e o ambiente que ela se encontra inserida, tornando suas relações sociais dificultadas.

[...] A agressão verbal **direta** envolve ações de insultos em público, incluindo xingamentos, provocações, ameaças, apelidos maldosos, comentários racistas, ofensivos ou humilhantes. E a agressão **indireta** se dá pelo isolamento e exclusão social dentro do grupo de convivência, dificultando as relações da vítima com os pares ou prejudicando a sua posição social, por meio de boatos, ignorando a presença da vítima ou ameaçando os outros para que não brinquem com a mesma.” (ZEQUINÃO; MEDEIROS; PEREIRA., 2016, p. 183)

Na forma física, o agressor ultrapassa os limites de uma agressão verbal, onde passa a agredir fisicamente a vítima, por meio de luta corporal empurrões, ferimentos com objetos, para configurar essa agressão física não é necessário que a vítima apresente lesões pelo corpo, pois mesmo sem lesão corporal uma pessoa pode ser constrangida fisicamente, como no caso das vias de fato, que segundo o art. 21 da Lei de contravenções penais, é uma conduta de violência física caracterizada pela ausência de resultado lesivo corporal.

[...] ataques abertos à vítima envolvendo ações individuais ou em grupo contra uma única pessoa, através de agressões com tapas, empurrões, pontapés, cuspes, roubos, estragos de objetos e a submissão do outro a atividades servis. (ZEQUINÃO; MEDEIROS; PEREIRA,. 2016, p. 183)

Importante destacar a tipificação do bullying conforme propõe a Lei n.13.185 (2015, art. 3º):

Art. 3º A intimidação sistemática (*bullying*) pode ser classificada, conforme as ações praticadas, como:
 I - verbal: insultar, xingar e apelidar pejorativamente; II - moral: difamar, caluniar, disseminar rumores;
 III - sexual: assediar, induzir e/ou abusar; IV - social: ignorar, isolar e excluir;
 V - psicológica: perseguir, amedrontar, aterrorizar, intimidar, dominar, manipular, chantagear e infernizar;
 VI - físico: socar, chutar, bater;
 VII - material: furtar, roubar, destruir pertences de outrem;
 VIII - virtual: depreciar, enviar mensagens intrusivas da intimidade, enviar ou adulterar fotos e dados pessoais que resultem em sofrimento ou com o intuito de criar meios de constrangimento psicológico e social.

Muitas expressões do *bullying* acontecem cotidianamente no ambiente escolar, o que demanda intervenções em ações particulares ao trabalho pedagógico em sala de aula como ações institucionais mais amplas no espaço escolar, além da política de educação de forma macrossocial. De piadas às práticas de assédio de diferentes tipos como citado acima, o *bullying* representa um mau para o desenvolvimento psicossocial dos/das alunos/as.

Na forma virtual, também conhecida como *Cyberbullying*, é a violência que acontece pelos meios midiáticos e tecnológicos, a superexposição por meio das mídias. E segundo a lei nº 13.185 (2015, art. 2) é o ato de “depreciar, enviar mensagens intrusivas da intimidade, enviar ou adulterar fotos e dados pessoais que resultem em sofrimento ou com o intuito de criar meio de constrangimento psicológico e social”.

Na forma psicológica, conforme a lei citada, consiste em perseguir, amedrontar, aterrorizar, intimidar, dominar, manipular, chantagear e infernizar. Lei essa que foi decretada e sancionada no dia 6 de novembro de 2015, com objetivo de combater à intimidação sistemática *bullying* em todo território nacional e caracteriza a violência como todo e qualquer ato intencional e repetitivo, que é praticado em grupo ou por um indivíduo contra uma ou mais pessoas com o intuito de intimidar ou agredir, causando assim danos físicos e psicológicos a alguém.

Recentemente, no ano de 2020, obtemos como notícia, via redes sociais, vários casos da

violência por *cyberbullying*. O caso de um menino de nove anos australiano que sofreu *bullying* no âmbito escolar, onde a mãe do menino o filmou chorando e pedindo uma corda a qual usaria para se matar repercutiu durante semanas nas mídias, levando indignação e revolta ao público. Também tivemos como notícia, por meio das redes sociais uma atriz famosa conhecida como Bruna Marquezine, no qual a mesma foi criticada com palavras ofensivas a respeito de sua fisionomia atual. Nota-se que as mídias sociais são o principal meio que o *bullying* se manifesta, sem distinção de classe social.

A revista *Uol* publicou uma matéria no ano de 2015 relacionada as mídias, no qual o autor Umberto Eco afirma que a internet deu voz a uma legião de imbecis. Com esse fragmento há de se repensar a maneira que as mídias sociais são utilizadas, hoje todos têm acesso muito fácil, o que deixa muito livre a criação de conteúdos impróprios e inválidos, como por exemplo a criação de memes, a exposição de pessoas em prol da autossatisfação de um público. O agressor não leva em consideração o outro a partir da sua criação de conteúdo, nem tão pouco expressa empatia. O agressor nesse momento muitas vezes tenta se distrair de si mesmo por meio da relação de conquista de um grupo.

2.3 Enfrentamento do problema

O ciclo dessa violência envolve a vítima, o praticante ou agressor que, por vezes, já sofreu da mesma violência, e o público que indiretamente participa da violência com o ato de apoiar o agressor a partir do silêncio ou das risadas. Isso remete a entender o compromisso e a responsabilidade das escolas, dos/as professores/as e das famílias no uso de soluções para enfrentar o problema.

Para propor soluções a essa violência, é preciso lembrar que essa é uma ação conjunta, entre o âmbito escolar e familiar. Os pais muitas vezes não observam a relação de seus filhos, e poucos participam das ações pedagógicas junto a escola. É importante que os pais tenham um olhar atento, sensível e reflexivo aos seus filhos: A escola tem o compromisso de educar os alunos, fornecendo-lhes condições favoráveis ao desenvolvimento saudável; mas para realizar o seu papel de modo afetivo, ela necessita do apoio da família, pois ambas compartilham da responsabilidade na formação dos futuros adultos. (BORSA; PETRUCCI; KOLLER, 2014, p. 5)

A maior parte do tempo os/as alunos/as passam no âmbito escolar. Desta forma, é de extrema importância que se sintam acolhidos afetivamente, haja vista que esse é um processo fundamental para a aprendizagem. Nesse aspecto, é imprescindível que o/a professor/a prepare esse ambiente e fique atento para as situações inesperadas, trabalhando de forma eficaz e

imediate não sendo neutro e sempre que possível debater assuntos em relação à diversidade presente em sala de aula de modo que seus alunos aprendam a viver melhor em sociedade, respeitando as diferenças, a partir de atividades lúdicas que influenciam a união e respeito no grupo.

A palavra “lúdico” vem do latim *ludus* e significa brincar, então é importante que o/a professor/a a partir da observação de sua turma trabalhe com uma proposta de ensino, buscando que as aulas causem um efeito crítico nos/nas alunos/as, propondo a construção de conhecimento e a compreensão do mundo. Um professor não precisa necessariamente ensinar o programa contido a partir de conhecimento decididos por outros no âmbito do currículo, mas também promover a correlação de seu programa curricular de sua disciplina com a capacidade de aprender com a troca, a interação com aspectos da diferença e da vida de seus alunos para que os saberes contidos nos conteúdos façam sentido.

[...] quando os estudantes contam a alguém sobre a sua condição de vítima, em 67% das vezes eles deixam de ser agredidos, se há respostas imediatas, coerentes e eficazes da parte de quem recebe a informação, especialmente se esta pessoa for um dos professores. (SILVA; BAZON, 2017, p. 617)

Desta forma, é importante que o/a professor/a conheça os efeitos negativos da violência oriunda do *bullying* no processo formativo de seus alunos. A partir disso, a elaboração de seu programa de ensino será proposta com o enfoque da mobilização de seus alunos em torno da prevenção de práticas de *bullying*. Isso é possível em todas disciplinas e oportuniza que o/a professor/a planeje situações didáticas, crie intervenções que auxiliem os/as alunos/as a pensarem nas questões de convivência em grupo exteriores ao âmbito escolar, difundindo assim o conhecimento sobre as consequências do *bullying* para o desenvolvimento da autonomia e a relação pacífica entre os grupos sociais.

Na concepção de Nascimento e Cols (2011 *apud* SILVA; ROSA, 2013, p. 331), a violência do *bullying* a partir do ato torna-se um ingrediente prejudicial para o desenvolvimento do ser humano. E adicionam que:

[...] prejudiciais ao seu aprendizado e a sua permanência na escola podendo levá-lo ao adoecimento e até mesmo ao suicídio como forma de libertar-se do sofrimento. A intimidação, juntamente com a ameaça, a humilhação a agressão verbal, física e virtual são formas frequentes de ocorrência do *bullying* na escola.

Elizângela Silva e Ester Rosa (2013, p. 332) entendem que o tema do *bullying* é pouco explorado no âmbito da formação inicial e continuada docente. Frente a ausência de estudos

mais abrangentes no âmbito da educação sobre o assunto, as autoras entendem "[...] que várias dimensões do fenômeno ainda precisam ser objeto de reflexões e estudos mais sistemáticos”.

SEÇÃO 3 – RELATOS DA INTERVENÇÃO VIA ESTÁGIO SUPERVISIONADO

No transcorrer do estágio supervisionado por meio das observações feitas como estagiária a partir do qual pude perceber como a violência do *bullying* é frequente, e ainda assim, passa despercebida. Então decidi explorar esse assunto com pesquisas e ferramentas que trabalhei com os/as alunos/as.

Nesta seção, apresentarei relatos da aplicação da regência durante a proposta de estágio supervisionado junto à disciplina de Língua Portuguesa no curso de Licenciatura em Letras.

3.1 O *bullying* no estado de MS

No transcorrer do estágio supervisionado, somos preparados para lidar com as diferentes situações, apesar da grande maioria serem inesperadas e imprevisíveis, que acontecem no cotidiano escolar. Aprendemos a observar, descrever e realizar alguns questionamentos sem que isso tire a autonomia e despreze a experiência do/da professor/a que nos supervisiona.

No Estado do MS, no âmbito escolar, a prevenção do *bullying* é uma parte integrante do Projeto pedagógico anual e institucionalizado das Escolas Estaduais. Dessa forma é estabelecido um bimestre durante todo o ano letivo, envolvendo todas as disciplinas, para trabalhar o tema.

Durante o processo há palestras com psicólogos, psicopedagogos e trabalhos artísticos desenvolvidos pelos/as alunos/as para conscientização. Todavia, encontramos duas limitações importantes para o desenvolvimento desse trabalho: 1) muitas vezes todas as atividades ficam restritas apenas para o público escolar e, 2) além de apresentar resultados superficiais, algumas escolas trabalham com o tema no decorrer de apenas uma semana, por norma esse trabalho deveria ser desenvolvido ao longo de um bimestre, mas na prática isso não acontece.

Em comparação com outros estados, sobre métodos de ensino utilizados em sala de aula para a conscientização desse problema, destaca-se o Paraná que faz divisa com o Mato Grosso do Sul, um estado que trabalhou com o tema no ano de 2019, a partir do estudo da Cartilha-2010, *Bullying* projeto Justiça nas escolas.

A referida cartilha traz um conteúdo didático que aborda desde o conceito da palavra *bullying* até métodos de conscientização em sala de aula e tem como principal objetivo levar o conhecimento aos docentes das instituições, sendo assim os/as professores/as poderão trabalhar de forma lúdica na elaboração de suas atividades em sala de aula com base nos conhecimentos obtidos.

A escola é corresponsável nos casos de *bullying*, pois é lá onde os comportamentos agressivos e transgressores se evidenciam ou se agravam na maioria das vezes. A direção da escola (como autoridade máxima da instituição) deve acionar os pais, os Conselhos Tutelares, os órgãos de proteção à criança e ao adolescente etc. Caso não o faça poderá ser responsabilizada por omissão. Em situações que envolvam atos infracionais (ou ilícitos) a escola também tem o dever de fazer a ocorrência policial. Dessa forma, os fatos podem ser devidamente apurados pelas autoridades competentes e os culpados responsabilizados. Tais procedimentos evitam a impunidade e inibem o crescimento da violência e da criminalidade infantojuvenil (SILVA, 2010, p. 12).

A cartilha dá ênfase que a questão do *bullying* é um problema que envolve toda uma rede intersetorial de serviços públicos e não governamentais do município, com diferentes atores profissionais que atuam no enfrentamento, prevenção e combate. Em relação às questões que acontecem no ambiente escolar, é notório que este espaço busca tais parcerias para lidar com o problema de forma articulada.

Com base nos fatos apresentados, realizamos uma análise de pesquisa rápida. Utilizando como meio de comunicação a rede social *Instagram*, considerando que cerca de 90% das pessoas vinculadas à conta da autora deste trabalho residem ou tiveram experiências escolares no estado de Mato Grosso do Sul. Nesta pesquisa, a coleta de dados foi feita mediante a participação dos seguidores da conta da autora desse trabalho, foi realizada uma enquete no qual foram efetuadas três perguntas objetivas:

- 1) Você já sofreu *bullying* em sala de aula? Sim ou não?
- 2) Você acha que os métodos de ensino utilizados pelas instituições escolares para a conscientização, prevenção e combate do *bullying* são eficazes? Sim ou não?
- 3) Você se lembra em qual série, a violência se tornou mais frequente?

O principal objetivo dessa pesquisa foi obter a porcentagem de pessoas que já sofreram com a violência, e a opinião dos participantes quanto aos métodos de ensino utilizados e se funcionaram ou não na instituição que eram ou estão inseridos.

A enquete atingiu um público de 469 visualizações e 70 participações. Desses, 56,6% (39 pessoas) relataram que já sofreram *bullying* em sala de aula. Dos que deram opinião sobre os métodos de ensino utilizados atualmente, 86,6% (60 pessoas) disseram que os mesmos não são eficazes. E 40,0 % (28 pessoas) afirmaram que a fase escolar que mais sofreram a violência foi nas séries do Ensino fundamental.

Com base nessa pesquisa, é de extrema importância visar o papel do/da professor/a em

sala de aula em relação a esse assunto, ressaltando que a escola tem o papel de orientar os/as alunos/as, sabendo que o comportamento deles são, em grande parte, reflexos vinculados a seus exemplos e valores desenvolvidos dentro de casa: “O desenvolvimento humano é compreendido como resultante dos processos proximais vivenciados pela pessoa em diferentes contextos ao longo do tempo. (BORSA; PETRUCCI; KOLLER, 2014, p. 3).

Seguindo esse pensamento é certo dizer que se faz necessário entender o motivo de uma violência, frisando que o comportamento de um agressor e a prática do *bullying* têm suas raízes sociais e culturais.

Com análises a partir do comportamento do agressor, torna-se relevante a compreensão que, na maioria dos casos, o agressor age dessa forma em busca de reconhecimento do grupo que está inserido ou lidar com ressentimentos a respeito das próprias experiências com o *bullying* ou outros tipos de violência. E para isso, eles escolhem vítimas que têm o perfil de pessoas mais caladas e que não terão encorajamento para assumir uma posição sobre as agressões, seja ela física ou psicológica. Além disso, são pessoas que mantêm um estilo ou que são fisicamente diferentes dos demais da turma.

Nessas situações que se dá o processo de intervenção do/da professor/da, se fazendo necessário repensar sobre a forma de ensinar pois, além da compreensão conceitual, é importante trabalhar o tema de uma forma mais acessível e que se vincule a realidade dos problemas enfrentados durante a fase e faixa etária dos/as alunos/as para mobilizar o interesse dos/as alunos/as e também envolver a afetividade.

Quando um aluno sofre uma violência, essa violência volta de alguma forma para sociedade, nas mais variadas formas, por exemplo nos casos de chacinas em escolas cujos responsáveis foram alunos que sofreram *bullying*.

É muito comum no discurso do dia a dia, deparar com professores que dizem que o/a aluno/a não tem que gostar do/da professor/a, que professor/a não deve ser amigo/a do/a aluno/a. Mas ao contrário do que muitos/as pensam, isso afeta drasticamente qualquer desenvolvimento e produção em sala de aula.

[...] Como professor [...] preciso estar aberto ao gosto de querer bem aos educandos e à prática educativa de que participo. Esta abertura ao querer bem não significa, na verdade, que, porque professor, me obrigo a querer bem a todos os alunos de maneira igual. Significa de fato, de fato, que a afetividade não me assusta que tenho de autenticamente selar o meu compromisso com os educandos, numa prática específica do ser humano. Na verdade, preciso destacar como falsa a separação radical entre "seriedade docente" e "afetividade". Não é certo, sobre tudo do ponto de vista democrático, que serei tão melhor professor quanto mais servo, mais frio, mais distante e “cinzento” me ponha nas minhas relações com os alunos, no trato dos objetos

cognoscíveis que devo ensinar. (FREIRE, 1996, p. 159).

A afetividade é fundamental na aprendizagem, o desenvolvimento de um ser humano acontece justamente no âmbito escolar, quando o/a aluno/a se sente bem em sala de aula, ele se desenvolve e comunica melhor, isso faz com que a exclusão seja bem menor, pois ao relatar ao/à professor/a algum tipo de segregação, este pode tomar as iniciativas necessárias para a solução do problema. O/a professor/a deve ter autoridade em sala de aula, mas autoridade é diferente de autoritarismo, ao mesmo tempo que tem que saber se impor, deve saber ouvir com imparcialidade os anseios de todos/as os/as alunos/as, sem previamente fazer um juízo de valor.

Educar não significa apenas repassar informações ou mostrar um caminho a trilhar, que o professor julga ser o certo. Educar é ajudar o educando a tomar consciência de si mesmo, dos outros e da sociedade em que vive, bem como de seu papel dentro dela. É saber aceitar-se como pessoa e principalmente aceitar ao outro com seus defeitos e qualidades. (REGINA; ALVES, 2010, p. 2)

Além disso, no Brasil de forma geral e, no estado de MS de modo mais específico, é possível encontrar a presença da diversidade e das diferenças de maneira intensa. Em escolas de MS, encontramos negros, brancos, indígenas, imigrantes... enfim, muitas características que diferem entre si e que são constantemente fatores de desqualificação, pois possuem características físicas ou comportamental que não se enquadram em nenhum padrão pré-estabelecido.

3.2 Descrição da intervenção via estágio supervisionado

Em 2019, iniciei o estágio supervisionado em Língua Portuguesa nas séries finais do ensino fundamental e resolvi construí a minha regência com a temática do *bullying*. Ao observar a dinâmica das relações interpessoais em sala de aula, observei que seria um tema interessante para realizar uma intervenção pedagógica.

De início é interessante pontuar o que compreendo por organização do trabalho pedagógico, pensando nas dimensões do planejamento, execução e avaliação da aprendizagem dos nossos/as alunos/as, tendo como enfoque um trabalho *antibullying* e a favor de processos de combate à estigmatização e violências, contra as diferenças, no contexto da abordagem decolonial que segundo Oliveira (2010) “ a decolonialidade representa uma estratégia que vai além da transformação, ou seja, supõe também construção e criação. Sua meta é a reconstrução radical do ser, do poder e do saber.”

No próximo item, irei apresentar minha intervenção, um momento de maior troca de

informação, sobre o enfoque do fator principal o combate à violência do *bullying* que está presente em todos os seguimentos sejam eles raça, classe, gênero e sexualidade, condicionando assim o comportamento de empatia e interação dos/as alunos/as através do bom desempenho no processo de aprendizagem.

O quadro abaixo apresenta a proposta de intervenção, o plano de aula construído para a aplicação da regência via estágio supervisionado:

Quadro 4 – Plano de ensino do estágio supervisionado no 9º ano do Ensino Fundamental

<p>CONTEÚDO: <i>Bullying</i></p> <p>OBJETIVOS: Ampliar as possibilidades de aprendizagem dos alunos de forma prática, dando-lhes oportunidades de reforçar o olhar ao próximo, aprofundar ou suprir carências do próprio aluno, com temas que serão correlacionados a sala de aula e a vida.</p> <p>OBJETIVOS ESPECÍFICOS: Oferecer atividades pedagógicas estimulando as atividades em grupo. Transformar as aulas em momentos estimulantes, que exigem estratégias para resolução das diversas situações-problemas. Desenvolver a autoestima e a perseverança na busca de soluções o respeito e a convivência com as diversidades em sociedade.</p> <p>JUSTIFICATIVA: O conhecimento de novas informações começa no desenvolvimento do ser humano baseado no seu comportamento na sociedade e a sala de aula é um instrumento necessário para que seja possível que o aluno aprenda a viver em grupo respeitando as diferenças e a si mesmo. Assim sendo, os alunos que estão no ensino fundamental ou médio, e já trazem uma defasagem em questão ao olhar ao próximo, precisam recuperar a essência de conviver com as diferenças sem que haja ofensas ou discriminação aos colegas e também recuperar a própria autoestima para poder continuar aprendendo a conviver em grupo e mais a frente não ficarem prejudicados em questões psicológicas.</p> <p>Neste sentido, as aulas vão ser mais dinâmicas respeitando a necessidade de cada aluno e focando nas diversidades e respeito ao próximo, na perspectiva de ampliação da jornada escolar que é um direito de todos. Portanto, é de grande importância ser trabalhado esse conteúdo com as turmas no ensino fundamental e médio que estão na fase de aprendizagem de convivência em grupo</p> <p>MÉTODOS E TÉCNICAS: A aula deverá ser desenvolvida da seguinte forma:</p> <p>Serão ministrados os conteúdos com todos os alunos do nono ano. O conteúdo será trabalhado de forma diferenciada, fazendo uso de dinâmicas e atividades que estimulem o comportamento em grupo juntamente com a reflexão do comportamento dos próprios alunos, o trabalho em grupo e assim aguce ainda mais o interesse e a participação dos alunos. A produção em grupo de painéis de boas ações, que serão feitas a partir de pesquisas de campo âmbito escola e sociedade. A apresentação desse mural deve ser em grupo juntamente com outras salas que</p>

estarão desenvolvendo atividades similares na semana estipulada pela unidade escolar como a prevenção do Bullying na escola.

Fonte: Elaboração da autora, 2020.

Conforme o objetivo do estudo, a minha proposta de ensino voltada a temática do *bullying*, baseada na afetividade no âmbito sala de aula. Para além da aprendizagem pedagógica destaca-se a relação humana, trabalhar com essa didática não muda por inteiro a violência, mas traz consciência e esse é o primeiro passo.

Trabalhar com atividades lúdicas produz o prazer na aprendizagem, e junto com a afetividade desperta no/a aluno/a a consciência crítica, trazendo um olhar diferente para o mundo, baseado na empatia e reciprocidade.

O objetivo da intervenção é fomentar as atividades em grupo, transformar as aulas em momentos estimulantes, desenvolver a autoestima e a perseverança na busca de soluções, o respeito e a convivência com as diversidades em sociedade.

O conhecimento de novas informações começa no desenvolvimento do ser humano, baseado no seu comportamento na sociedade e a sala de aula é um instrumento necessário para que seja possível que o/a aluno/a aprenda a viver em grupo respeitando as diferenças e a si mesmo.

Muitos/as alunos/as já trazem uma defasagem na questão da empatia, e precisam recuperar a essência de conviver com as diferenças sem que haja ofensas ou discriminação aos colegas, e com isso recuperar a própria autoestima para continuarem aprendendo a conviver em grupo e, mais a frente, não sejam prejudicados com questões psicológicas.

Nesse sentido, as aulas vão ser mais dinâmicas respeitando a necessidade de cada aluno e focando nas diversidades e no respeito ao próximo. Portanto, é de extrema importância trabalhar esse conteúdo com todas as turmas, visando a convivência em grupo.

O objetivo da proposta do conteúdo foi trabalhar a intervenção com o conteúdo da temática do *bullying* para ser trabalhado de forma diferenciada, fazendo uso de dinâmicas e atividades que estimulem o comportamento em grupo juntamente com a reflexão e discussão do comportamento dos/as próprios/as alunos/as, o trabalho em grupo aguça ainda mais o interesse e a participação dos/das alunos/as.

Em um primeiro momento a proposta de intervenção foi trabalhar com os/as alunos/as do ensino fundamental do sexto ao nono ano, a seleção desses anos de escolaridade se deu a partir da coleta de dados na plataforma pessoal do *Instagram* tendo em vista a faixa etária predominante onde a violência do *bullying* se manifesta.

Metodologicamente, a ideia foi a de realizar a produção em grupo de um painel de boas ações, que foi montado a partir de pesquisas de campo no âmbito escolar.

Para isso, pensou-se num painel no formato que desejar, nesse trabalho a escolha foi utilizar o formato de uma árvore. Com isso, recortamos os frutos no formato de um coração. Dentro estava escrito “Eu ajudei para que o dia dessa pessoa fosse melhor”. Além disso, houve a confecção de capas de super-heróis para os/as alunos/as, pois eles/elas iriam por um dia salvar o mundo de alguém.

A intervenção com apoio de material tecnológico (*datashow*) foi realizada com a reprodução de dois vídeos para estimular a compreensão do tema junto com a explicação, discussão e depoimentos, se assim os/as alunos/as sentissem a vontade.

A ideia foi realizar as dinâmicas como influenciador de discussão, a qual tem por objetivo integrar e envolver o grupo, assim desmobilizando o constrangimento da turma, além de transmitir e fixar a aprendizagem do conteúdo de forma lúdica e interativa. Para o desenvolvimento das dinâmicas, optou-se por aplicara das maçãs e a do espelho.

A dinâmica da maçã prevê o uso de duas maçãs praticamente iguais e em perfeito estado exterior. Em seguida, é feita a escolha de uma das maçãs e no seu interior coloque tinta vermelha ou algo que faça a representação de uma maçã machucada por dentro.

É importante destacar que esse efeito machucado só aparece internamente. Em seguida leva-se as duas maçãs para sala de aula e faz-se um círculo com os/as alunos/as. Na primeira rodada, desenvolve-se a dinâmica com a primeira maçã em perfeito estado, gerando a discussão em torno de elogios com a turma, onde cada aluno deve fazer um elogio para maçã e passar para o colega ao lado e assim sucessivamente até chegar ao último da roda.

Na segunda rodada, troca-se pela segunda maçã machucada internamente, sem que os/as alunos/as percebam, e que eles/elas façam o reverso com essa maçã, ao invés de direcionar a ela elogios, que eles deem apelidos que elas não gostem ou que já foram chamados de acordo com o que o/a aluno/a se sentir à vontade.

Ao final da dinâmica, o/a professor/a deve cortar as duas maçãs, com a reflexão de como as pessoas se sentem por dentro ao receber um elogio e quando recebem apelidos pejorativos, demonstrando as duas maçãs a primeira em perfeito estado que só recebeu elogios e a segunda que está machucada por dentro.

Essa dinâmica estimula a reflexão do olhar ao próximo em relação à prática do *bullying* que gera consequências, além disso, transparece a relação de um/a aluno/a perante o outro, da

mesma forma que ela faz os/as alunos/as pensarem sobre os reflexos do *bullying* na forma de ver e sentir.

A dinâmica do espelho objetiva organizar os/as alunos/as em círculo. O/a professor/a posiciona-se na frente da turma e, com uma caixa de sapatos ou algo semelhante, coloca um espelho dentro que só ele sabe.

Em seguida, o/a professor/a diz a turma que tem em mãos dentro da caixa impresso a fotos dos/as alunos/as da sala, e que vai chamar por vez cada um/a dos/as alunos/as e que esse será sorteado com uma foto de um colega e que ao reconhecer o colega terá que dizer para a turma uma qualidade, uma habilidade e um sentimento por esse colega sem dizer o nome e depois se sentar em silêncio. Porém dentro da caixa terá um espelho e esse aluno terá o seu próprio reflexo.

Essa dinâmica destaca-se por fazer o ser humano atribuir um autorreconhecimento, e reflexão sobre si mesmo, além de ajudar e externar os seus sentimentos e valorizar as suas qualidades e habilidades. A escolha dessa dinâmica na temática do *bullying* é de extrema importância visando a melhoria da qualidade de vida e principalmente mostrando a importância de cada um na formação do grupo escolar.

A partir das discussões e reflexões realizadas na aula e os materiais produzidos, com as discussões feitas em torno da temática do *bullying* foi proposto um desafio aos/as alunos/as, que deveria ser feita durante o intervalo de aula somente no âmbito escolar.

Nesse momento se realizou um sorteio para a formação de duplas que, na hora do intervalo, deveriam caminhar pela escola em busca de realizar boas ações, ações essas como realizar um elogio aos colegas da escola, principalmente aos de convívio diário, ou seja, da mesma sala. O desafio propõe que cada sorriso conquistado a partir do elogiado deverá ser retribuído um ponto a dupla com uma assinatura no coração que carregam pela pessoa a qual recebeu o elogio, lembrando que o ponto só vale se a pessoa sorrir.

3.3 Relato da aplicação

Depois que todos os/as alunos/as já estavam envolvidos com o assunto e com o desafio passaram para a parte da prática, onde realizaram as coletas das assinaturas no decorrer de suas boas ações. Os/as alunos/as se mostram empolgados com a ideia e muito empenhados. Por mais que a interação com o evento pedagógico lúdica leve em consideração a promoção de atitudes de respeito ao próximo por meio de práticas de empatia, reciprocidade e diálogo com a diferença do outro como uma forma de prevenir o *bullying*, ainda é possível observar diferentes possibilidades de se articular o ensino de línguas com a temática.

Para realizar um processo de coleta de informações sobre o conteúdo, os estudantes poderiam criar cenas como peças de teatro, e poderiam descrever passo a passo o uso de novos gêneros de narrativas; os aspectos normativos da língua portuguesa; o uso de textos escritos para debater certos enunciados contidos na realidade social, muitos destes inclusive racistas em relação a alguns grupos.

É completamente normal que haja alguns alunos no começo que se sintam envergonhados, nesse momento é de extrema importância a observação do/a professor/a e a ajuda. Em seguida, ao final do intervalo e conseqüentemente do desafio todos/as os/as alunos/as voltaram pra sala. Formamos um círculo para debater e construir diálogos reflexivos sobre a temática do *bullying* principalmente sobre as suas ações voltadas para o sentimento que tiveram ao elogiar outros colegas, com isso, obteve-se vários diálogos de sentimentos positivos.

No final da atividade cada aluno colou seu coração no mural com as assinaturas que conseguiram, montando, posteriormente, um círculo de reflexão. Nesse momento, observa-se que foi de extrema importância que o docente conduza com todo seu conhecimento e afetividade a discussão sobre a experiência dos/as alunos/as e sua compreensão sobre o assunto, socializando as boas ações que os/as alunos/as realizaram. Demonstrando uma riqueza de assuntos que podem ser propostos junto aos conteúdos curriculares de Línguas: responsabilidade e compromisso ético com o outro, diferenças, gênero, etnias, classes...

É importante deixar claro que o objetivo principal com essa intervenção era mostrar aos/às alunos/as na prática o respeito ao próximo e a convivência com as pluralidades presente em sociedade, através dos elogios eles tiveram o sentimento de deixar alguém feliz ao contrário da ação de violência do *bullying* que causa sensação reversa.

Segundo Celso Antunes (2002), o/a professor/a é o único no mundo que tem argila com a qual moldará o amanhã! E por isso que procurei desenvolver essa intervenção pensando na dimensão que envolve a violência do *bullying*, procurando maneiras através do envolvimento do/a aluno/a, encarando a intervenção pedagógica como um processo fundamental e essencial.

A discussão foi voltada para o reconhecimento do ato de elogiar como substituto da crítica, comparando os dois contextos: enquanto o *bullying* oprime e magoa o próximo e seus sentimentos, o elogio é um superpoder da vida real que somente com o simples uso das palavras pode salvar o dia de alguém.

Essa atividade de intervenção propôs contribuir no nível de aprendizagem em relação

ao conceito *bullying*, respeito em relação a convivência dos/das alunos/as, aumento da autoestima e o melhor desenvolvimento na construção diária do ser humano, com a maior preocupação em intervir na naturalidade dessa violência.

Além de ampliar as possibilidades de aprendizagem de forma prática, fomentando oportunidades de reforçar o olhar ao próximo e suprir carências do/a próprio/a aluno/a com temas que serão correlacionados à sala de aula e à vida. Desta forma, é importante focar na caracterização do comportamento dos/as alunos/as a partir desse estudo, a forma que eles lidam com seus próprios sentimentos em relação ao outro e sua interação social.

Durante a aplicação da intervenção, obteve-se resultados moderados, onde foi capaz despertar nos/nas alunos/as um olhar mais sensível aos seus atos, por meio dos vídeos reproduzidos em sala de aula, com as dinâmicas de interação e com a aplicação em campo. Os/as alunos/as se mostraram bem participativos e interessados na aula, apesar que ainda há alguns alunos que se mostram resistentes e com dificuldades na presença do grupo e de se fazer presente na atividade pedagógica proposta pensando nesses resultados é que se faz necessário essa temática também ser trabalhada em outras disciplinas e no decorrer do ano e não somente em datas estipuladas para que os/as alunos/as se sintam mais familiarizados e as ações não sejam descontínuas.

Acredito que essa forma de trabalhar com a temática do *bullying* de uma maneira mais acolhedora e com aulas dinâmicas faz com que os/as alunos/as participem mais e fixem melhor o conteúdo proposto, ao contrário de trabalhar apenas um filme ou a produção de cartazes, como vemos nas práticas de ensino e aprendizagens voltados para esse tema.

É preciso práticas pedagógicas com abordagens centradas na problematização das diferenças como uma forma de reforçar e aprimorar uso de métodos e técnicas de ensino que inovam no tratamento desse conteúdo e incluir mais projetos que integram meio escolar, social e familiar.

A escola faz um tipo de trabalho e a família outro. Ambas se complementam de forma maravilhosa e incrível para o bem estar e a formação integral das nossas crianças. Mas nem sempre a outra podem suprir todas as necessidades infantis e juvenis sem ser um conjunto. (ZAGURY, 2002, p. 24).

Além disso, ao final dessa intervenção me questionei sobre inúmeras coisas especialmente em relação ao compromisso e a responsabilidade do/da professor/a que nunca deve parar de procurar caminhos que fortaleçam a educação, especialmente utilizando de atividades pedagógicas em torno da temática do *bullying*.

Ao fim da aplicação da regência, alguns alunos se dispuseram para relatar as

experiências que tiveram, ora agradecendo pela orientação dada durante a aula e se dizendo satisfeitos com a intervenção, ora para narrar situações que já ocorreram no ambiente escolar e ainda acontecem.

Com isso, observa-se que o tema merece destaque em diferentes disciplinas e propostas dos programas curriculares destas. Ou seja, usar de eventos pedagógicos que causam um aprendizado e uma ação educativa que pressupõe o conhecimento, a união e o respeito ao ambiente em que estão inseridos e disponibilizando o envolvimento do grupo tornando um estímulo para atingir uma totalidade da aprendizagem de fato.

Juliana Moreira e Natália Sigiliano (2019) apontaram as possibilidades de trabalho pedagógico com o uso das classes de palavras adjetivo e advérbio, transversalizando esse conteúdo sob o enfoque da temática de *bullying*. As autoras realizaram uma intervenção com estudantes do 6º ano do Ensino Fundamental, em aulas de Língua Portuguesa de uma escola pública de Juiz de Fora/MG, com o objetivo de explicitar a relação entre classes de palavras e os gêneros argumentativos que impulsionam as práticas de *bullying*.

Como a pesquisa da primeira autora estava focada no contexto de sua prática docente, ela realizou a intervenção em sua sala de aula por meio da resenha crítica, produções textuais, a apresentação de filme (O Extraordinário); e das rodas de conversas, além de sentir a necessidade de intervenção de profissional da Psicologia para orientar a sua turma em relação às dimensões do *bullying* para a formação psicossocial.

Na dimensão dos dados quantitativos, as pesquisadoras apresentaram o seguinte quadro: 63% admitiu ter sofrido *bullying*; 75% já testemunhou; 20% já realizou a prática; 73% já tentou impedir; 45% já conversou com os pais sobre o tema; 41% já conversaram com os/as professores/as; 60% já tiveram aula; 69% entende que podemos evitar o problema (MOREIRA; SIGILIANO, 2019).

Ao final das ações, constatou-se que os educandos participaram ativamente de todos os processos desta intervenção, demonstrando maior autonomia linguística ao serem expostos a situações, orais ou escritas, em que deveriam argumentar e justificar seu ponto de vista. Quanto ao uso de adjetivo e advérbio enquanto elementos argumentativos, observou-se um discreto aumento na utilização dessas classes morfológicas. No que concerne à temática desta intervenção, os discentes demonstraram estar conscientizados sobre os males provocados pela prática do *bullying* através de suas atitudes responsivas, verificadas durante a realização da pesquisa de campo e das rodas de conversa, que culminou na proposta de criação de um grupo de apoio aos alunos vítimas desse tipo de violência (MOREIRA; SIGILIANO, 2019, p. 133).

É possível observar a inúmeras possibilidades de abordar o tema do *bullying* em

conteúdos curriculares de Língua Portuguesa para tornar as relações de ensino e aprendizagem focadas no desenvolvimento da autonomia pessoal, convivência ética e no respeito às diferenças. Além disso, é interessante destacar que os documentos curriculares como o mais recente que nosso país, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC, 2017) compreende que o ensino de Língua Portuguesa deva considerar aspectos do ensino e da aprendizagem contextualizados e reflexivos.

as abordagens linguística, metalinguística e reflexiva ocorrem sempre a favor da prática de linguagem que está em evidência nos eixos de leitura, escrita ou oralidade. Os conhecimentos sobre a língua, as demais semioses e a norma-padrão não devem ser tomados como uma lista de conteúdos dissociados das práticas de linguagem, mas como propiciadores de reflexão a respeito do funcionamento da língua no contexto dessas práticas. (BRASIL, 2017, p. 137)

Observa-se que o uso dos gêneros textuais e das interações sociais linguísticas se utilizam de abordagens que favoreçam as habilidades sociais, formação de valores e atitudes, trazendo elementos significativos para o ensino de Língua Portuguesa que extrapolam os limites das indicações curriculares.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O propósito desse trabalho foi pensar na responsabilidade e o compromisso ético-político da instituição escolar com as práticas de enfrentamento do *bullying* nas escolas seja por meio de práticas pedagógicas ou de formação de redes que auxiliem a escola no trato com essas questões. Acredito que, de forma mais precisa, o foco maior foi observar por meio do estágio supervisionado no Ensino de Língua Portuguesa as possibilidades que essa disciplina tem para como condutora do conhecimento e da formação do ser humano, para além da escola. Desta forma, é indispensável pensar na reorganização, inovação e na ampliação de conteúdos pedagógicos no ensino de Língua Portuguesa que preveem a articulação com temas transversais como o *bullying*.

Não é preciso ter muita criatividade, mas uma sensibilidade ética com o sofrimento vivido pela vítima e pelo agressor em razão da dimensão que essa violência traz para a formação psicossocial de ambos. Nesse sentido, o/a professor/a que diz desconhecer o assunto e assim justificar a falta de trabalho com essa temática, pode se sentir preocupado com tal questão e buscar apoio para lidar com o assunto no âmbito de sua disciplina. Isso contribui com o papel de pesquisador do/da professor/a para manter viva a importância do tema, estabelecendo uma relação que consideramos relevante para os estudos na área da educação.

Os pontos acima citados, que já fazem parte do processo da escola, foram, contudo, reafirmados, através da intervenção. A intervenção teve por objetivo auxiliar no enfrentamento das relações de *bullying* e contribuir para que os/as alunos/as reflitam sobre uma possível cultura de paz e respeito às diferenças. Visou agir no contexto da conduta dos/as alunos/as e, mesmo que não tenha se utilizado de conteúdos curriculares específicos do ensino de Língua Portuguesa se dispõe a trazer uma solução necessária. A ação contribuiu para solucionar ou amenizar problemas decorrentes do *bullying* e, com isso, é de fundamental importância para a construção de um ambiente em que os/as alunos/as se sintam afetivamente protegidos e acolhidos, respeitando a convivência através das relações humanas bem como as pluralidades existentes dentro e fora de sala de aula, construindo assim um sistema que une mais as pessoas.

Podemos perceber, vivenciando o assunto, que na maioria das vezes se essa temática não é abordada de forma adequada, de maneira que previna, conscientize e combata a violência, ela pode de forma negativa prejudicar a vítima de maneira muitas vezes irreversível, como a depressão, a dificuldade na autoaceitação e no convívio em grupo, além de situações que refletem bruscamente na sociedade como por exemplo o genocídio nas escolas.

Em razão disso, o uso da abordagem decolonial para lidar com processos pedagógicos que pensem sobre a desvinculação de padrões eurocêntricos criados para o ser e para o estar foram indispensáveis para promover uma nova leitura sobre o ensino de Língua Portuguesa outra disciplina que julgue ser possível o trabalho com essa perspectiva de pensamento. Afinal, em sala de aula de escolas sul-mato-grossenses, temos uma diversidade de estudantes (negros, mulheres, indígenas, imigrantes, de locais vulneráveis, assentados...).

A diversidade presente nas diferenças que tais grupos sociais apresentam, trazem muitos deslocamentos para o âmbito da ação docente independente de qual disciplina se pretende problematizar. Diante disso, como vimos nos estudos “freireanos”, a ação docente precisa estar engajada politicamente na redução das injustiças sociais, o que demanda que os processos de ensino e aprendizagem estejam focados na formação crítica dos/as alunos/as. O trabalho pedagógico organizado com o enfoque de combate ao *bullying* age na contramão das políticas de formação do ódio e da fobia contra as diferenças.

O ser humano está tão confortável em seu ambiente que nem se dá conta das mudanças repentinas a sua volta, precisamos como docentes no geral compreender a necessidade de adaptações, começando pelo âmbito escolar, tendo em vista que a grande forma de conduzir a transformação vem através de uma excelente e dedicada educação pública pensada para lidar com as diferenças.

E mesmo sabendo que esse é um processo lento, precisamos inovar para não acabar com a naturalização de situações de *bullying* que se manifesta de todas as formas seja através de raça, classe, gênero e sexualidade como provenientes de marcadores do território ocupado por um grupo como indígenas, quilombolas, assentados, ciganos, paraguaios, argentinos, e tantos outros. Propondo assim substituir práticas tradicionais que se assumem neutras diante dessas situações, buscando construir uma sociedade que saiba respeitar as diferenças que ao invés de excluir valorize as diversidades em que as diferenças de raça, classe, gênero, sexualidade e condições físicas não sejam utilizados como fatores de perseguição, discriminação e ofuscação da existência de pessoas que possuem tais diferenças.

REFERÊNCIA

- ANTUNES, Celso. *Alfabetização emocional*. São Paulo: Terra, 1996.
- BALLESTRIN, Luciana. América Latina e o giro decolonial. *Revista brasileira de ciência política*, Brasília, v. 1, n. 11, mai/ago. 2013. p. 89-117. Disponível em: <<<https://www.scielo.br/pdf/rbcpol/n11/04.pdf>>>. Acesso em: 18 jan 2021.
- BARROS, Paulo Cesar; CARVALHO, João Eloir; PEREIRA, Beatriz Oliveira. Um estudo sobre o bullying no contexto escolar. In: CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO (EDUCERE), II, 2009, Curitiba. *Anais...* Curitiba: PUC, 2009.
- BORSA, Juliane C.; PETRUCCI, Giovana W.; KOLLER, Silvia H. A participação dos pais nas pesquisas sobre o bullying escolar. *Revista Quadrimestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional*, São Paulo, v. 19, n. 1, jan./abr. 2015. p. 41-48. Disponível em: <<www.scielo.br/pdf/pee/v19n1/2175-3539-pee-19-01-00041.pdf>>. Acesso em: 12 jan 2021.
- BRASIL. Base Nacional Comum Curricular (BNCC): Educação é a base. Brasília: MEC, 2017. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf>. Acesso em: 12 jan 2021.
- BRASIL. Lei n. 13.185, de 6 de novembro de 2015. *Institui o Programa de Combate à Intimidação Sistemática (Bullying)*. Brasília, 2015. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2015-2018/2015/lei/113185.htm>. Acesso em: 15 jan 2021.
- CANDAU, Vera Maria; LUCINDA, Maria da Consolação; NASCIMENTO, Maria das Graças. *Escola e violência*. Rio de Janeiro: DP&A, 1999.
- COLLINS, Patricia Hill. *Se perdeu na tradução? Feminismo negro, interseccionalidade e política emancipatória*. v. 5, n. 1, pág. 6 a 17 de 2017.
- MIGNOLO, Walter. Desobediência Epistêmica: A opção decolonial e o significado de identidade política. *Cadernos de Letras da UFF*. Rio de Janeiro, n. 34, p. 287-324, 2008.
- MOREIRA, Juliana Maria; SIGILIANO, Natália Sathler. *Gêneros textuais, análise linguística e bullying: diálogos entre ensino e língua materna e cidadania*. *Dialogia*, n. 32, p. 120-135, 2019.
- FERREIRA, Norma S. de A. As pesquisas denominadas de estado da arte. *Educação e Sociedade*, Campinas, v. 23, n. 79, Ago. 2002. p. 257-272. Disponível em: <<<https://www.scielo.br/pdf/es/v23n79/10857.pdf>>>. Acesso em: 12 jan 2021.
- FREIRE, Paulo. *Texto 'Ensinar exige o conhecimento e assunção da identidade cultural'*, 1998.
- FREITAS, Luiz Carlos de. *Crítica da organização do trabalho pedagógico e da didática*. Tese (Doutorado em educação) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1994. Disponível

em: <<http://repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/251604>>. Acesso em: 18 jan 2021.

GOULART, Cecília. A organização do trabalho pedagógico: alfabetização e letramento como eixos orientadores. In: BRASIL. *Ensino fundamental de nove anos: orientações para a inclusão da criança de seis anos de idade*. Brasília: MEC, 2006. p. 90-100. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/Ensfund/ensfund9mais1.pdf#page=87>>. Acesso em: 18 jan 2021.

LUDKE, Menga. O lugar do estágio na formação de professores. *Educação em Perspectiva*, Viçosa, v. 4, n. 1, p. 111-133, jan./jun. 2013. Disponível em: <<https://periodicos.ufv.br/educacaoemperspectiva/article/view/6619/2725>>. Acesso em: 18 jan 2021.

MALTA, Deborah Carvalho *et al.* *Bullying nas escolas brasileiras: resultados da Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar (PeNSE)*. *Ciênc. saúde coletiva*, v. 15, n. 2, p. 3065-3076, out, 2010.

MOREIRA, Juliana Maria; SIGILIANO, Natália Sathler. *Gêneros textuais, análise linguística e bullying: diálogos entre ensino e língua materna e cidadania*. *Dialogia*, n. 32, p. 120-135, 2019.

OLIVEIRA, L. F.; CANDAU, V. M. F. Pedagogia Decolonial e Educação Antirracista e Intercultural no Brasil. *Educação em revista*, v. 26, n. 1, p. 15-40, abr, 2010.

ROZA, Michele. Problema social, *Bullying* afeta metade das crianças do mundo. *R7 Notícias*, 24 nov. 2018. Disponível em: <https://noticias.r7.com/educacao/problema-social-bullying-afeta-metade-das-criancas-do-mundo-26092018>. Acesso em: 11 jan. 2021.

SILVA, Ana Beatriz Barbosa. *Bullying: Projeto justiça nas escolas*. Conselho nacional de justiça, 2. ed. Brasília, 2010.

SILVA, Elizangela N.; ROSA, Ester C. de S. Professores sabem o que é bullying? Um tema para a formação docente. *Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional*, São Paulo, v. 17, n. 2, Jul/Dez. 2013. p. 329-338. Disponível em: <<<https://www.scielo.br/pdf/pee/v17n2/v17n2a15.pdf>>>. Acesso em: 12 jan 2021.

SILVA, Jorge Luiz da; BAZON, Marina Rezende. Prevenção e enfrentamento do bullying: o papel de professores. *Revista Educação Especial*, v. 30, n. 59, p. 615-628, 2017.

UOL. *Redes sociais deram voz a legião de imbecis, diz Umberto Eco*. UOL Notícias, 11 jun. 2015. Disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/ansa/2015/06/11/redes-sociais-deram-voz-a-legiao-de-imbecis-diz-umberto-eco.jhtm>>. Acesso em: 20 Mar. 2020.

ZAGURY, T. *Escola sem conflito: parceria com os pais*. Rio de Janeiro: Record, 2002. ZEQUINÃO, Marcela Almeida; MEDEIROS, Pâmella de; PEREIRA, Beatriz;. *Bullying escolar: um fenômeno multifacetado*. *Educ. Pesqui*, São Paulo, v. 42, n. 1, p. 181-198, 2016.

APÊNDICES



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MATO GROSSO DO SUL
CURSO DE LETRAS Hab. Português/Inglês – Unidade de Jardim

PLANO DE AULA

Estagiário(a): Thainá da Silva Ferreira

Disciplina: Língua Portuguesa Série: 9º Ano

Ensino: Médio

Data: 06/11/19

Horário: Matutino

Escola: Estadual Coronel Juvêncio

Endereço: Avenida Duque de Caxias-

Centro

CONTEÚDO: Intervenção- *Bullying*

OBJETIVOS: Ampliar as possibilidades de aprendizagem dos alunos de forma prática, dando-lhes oportunidades de reforçar o olhar ao próximo, aprofundar ou suprir carências do próprio aluno, com temas que serão correlacionados a sala de aula e a vida.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS: Oferecer atividades pedagógicas estimulando as atividades em grupo. Transformar as aulas em momentos estimulantes, que exigem estratégias para resolução das diversas situações-problemas. Desenvolver a autoestima e a perseverança na busca de soluções o respeito e a convivência com as diversidades em sociedade.

JUSTIFICATIVA: O conhecimento de novas informações começa no desenvolvimento do ser humano baseado no seu comportamento na sociedade e a sala de aula é um instrumento necessário para que seja possível que o aluno aprenda a viver em grupo respeitando as diferenças e a si mesmo. Assim sendo, os alunos que estão no ensino fundamental ou médio, e já trazem uma defasagem em questão ao olhar ao próximo, precisam recuperar a essência de conviver com as diferenças sem que haja ofensas ou discriminação aos colegas e também recuperar a própria autoestima para poder continuar aprendendo a conviver em grupo e mais a frente não ficarem prejudicados em questões psicológicas.

Neste sentido, as aulas vão ser mais dinâmicas respeitando a necessidade de cada aluno e focando nas diversidades e respeito ao próximo, na perspectiva de ampliação da jornada escolar que é um direito de todos. Portanto, é de grande importância ser trabalhado esse conteúdo com as turmas no ensino fundamental e médio que estão na fase de aprendizagem de convivência em grupo

MÉTODOS E TÉCNICAS: A aula deverá ser desenvolvida da seguinte forma:

Serão ministrados os conteúdos com todos os alunos do nono ano.

O conteúdo será trabalhado de forma diferenciada, fazendo uso de dinâmicas e atividades que estimulem o comportamento em grupo juntamente com a reflexão do comportamento dos próprios alunos, o trabalho em grupo e assim aguce ainda mais o interesse e a participação dos alunos.

A produção em grupo de painéis de boas ações, que serão feitas a partir de pesquisas de campo

âmbito escola e sociedade.

A apresentação desse mural deve ser em grupo juntamente com outras salas que estarão desenvolvendo atividades similares na semana estipulada pela unidade escolar como a prevenção do Bullying na escola.

RECURSOS: Aparelhos de mídia, dinâmica e prática em campo.

LOCAL: Sala de aula.

REFERÊNCIAS:

BRASIL, Projeto político pedagógico. Escola Estadual Coronel Juvêncio, Jardim MS, 2019.

BRASIL, Parâmetros Curriculares Nacionais. Brasília, 1998.

BRASIL, Projeto político pedagógico. Escola Estadual Coronel Juvêncio, Jardim MS, 2019.

UEMS. Regulamento de Estágio Supervisionado do Curso de Letras Português/ Inglês. Jardim-MS, 2015.

Thainá da Silva Ferreira

Thainá da Silva Ferreira

Assinatura da Estagiária do Curso de Letras

Iolanda Espindola

Iolanda Espindola

Assinatura da Professora Regente